

O PAPEL DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE TEACHER'S ROLE IN INCLUDING STUDENTS WITH ASD IN CHILDHOOD EDUCATION

Recebido em: 27/11/2024

Aceito em 05/12/2024

Inêz Gorete Kinal¹

Sandra Aparecida Machado²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o papel do professor na inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Nele discutiremos sobre o papel do professor no processo de inclusão do aluno diagnosticado com o Transtorno do espectro Autista (TEA) na sala de aula. Desse modo, enfatizamos a importância e a relevância do papel do professor em criar um ambiente inclusivo para os alunos com (TEA) na educação Infantil. A troca de informações entre escola e família contribui para um ambiente escolar mais adequado às especificidades dos alunos com TEA. Para a elaboração deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. As considerações apontadas no presente estudo foram pautadas nos escritos de Montoan (2003), Cunha (2016), Lopes e Telaska (2022), Weizenmann (2024) entre outros. Os quais permitem afirmar que a colaboração dos especialistas, pais e outros membros da equipe escolar é fundamental para o sucesso das práticas de inclusão

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Professor. Educação Inclusiva. Educação Infantil. Família.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the teacher's role in including students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in early childhood education. We discuss the teacher's role in facilitating the inclusion of students diagnosed with ASD within the classroom. Emphasis is placed on the importance and relevance of the teacher's role in creating an inclusive environment for ASD students in early education. Effective communication between school and family contributes to creating a school environment better suited to the specific needs of ASD students. For this article, biographical research with a qualitative approach was conducted. The findings in this study are based on the works of Montoan (2003), Cunha (2016), Lopes and Telaska (2022), Weizenmann (2024), and others, which allow us to say that collaboration between specialists, parents, and other school staff members is fundamental to the success of inclusive practices.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Teacher. Inclusive Education. Childhood Education. Family.

1 Graduada em Filosofia pela Unicentro-PR (2019) Especialista em secretariado e assessoria executiva pela PUC-PR (2021) graduanda em pedagogia pela Unicentro-PR.

2 Professora Dra do Curso de Pedagogia Unicentro. Coordenadora do Curso de Pedagogia/EAD/Unicentro. Orientadora.

INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com TEA no ambiente escolar demanda uma abordagem colaborativa entre professores, equipe pedagógica, família e demais profissionais envolvidos. Considerando as singularidades de cada estudante diagnosticado com TEA, é fundamental desenvolver estratégias que promovam o desenvolvimento integral e a participação ativa desses alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o papel do professor na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. A pesquisa examina a função do docente, enfatizando a relevância de sua atuação no contexto inclusivo. Nesse contexto, o professor exerce um papel fundamental no processo de inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que implica adaptar o currículo, promover um ambiente acolhedor, adotar estratégias de comunicação eficazes, fomentar o desenvolvimento de habilidades sociais, colaborar com especialistas e familiares, buscar formação continuada, implementar rotinas claras e acompanhar o progresso no desenvolvimento do aluno.

Desse modo, ao reconhecer a escola como um espaço de inclusão, este artigo reflete sobre o papel do professor no processo de inclusão de alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa analisa de que maneira o ambiente escolar pode ser adaptado para se tornar inclusivo para esses alunos na Educação Infantil, enfatizando a importância da contribuição do professor nesse processo.

Este estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, que envolveu a análise de obras tais como as de Cunha (2016), Lopes e Telaska (2022), Montoan (2003) e Weizenmann (2024), entre outros para embasar a análise qualitativa dos dados coletados, bem como refletir sobre o autismo e suas implicações e sobre a relevância do professor no processo de inclusão do aluno diagnosticado com TEA na Educação Infantil.

O AUTISMO E SUAS IMPLICAÇÕES

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica e de desenvolvimento que se manifesta na infância e perdura por toda a vida, caracterizada por dificuldades significativas na comunicação e interação social, bem como por comportamentos repetitivos e interesses restritos. A gravidade e a apresentação dos sintomas variam amplamente entre os indivíduos, sendo que alguns podem necessitar de apoio intensivo, enquanto outros conseguem levar uma vida relativamente independente. Segundo Monteiro (2024), a gravidade do autismo varia amplamente, influenciada pelos comportamentos que o indivíduo exibe em resposta ao ambiente social. Este conceito, entretanto, é dinâmico e sujeito a mudanças, à medida que avanços na pesquisa científica proporcionam novas descobertas e compreensões sobre a condição.

Embora não exista cura, intervenções e terapias específicas podem ajudar a melhorar as habilidades sociais, comunicativas e comportamentais dos indivíduos afetados. Segundo Santo e Coelho (2006), o autismo é uma condição grave marcada por problemas sérios de comunicação e comportamento, e dificuldade em se relacionar normalmente com outras pessoas. Em um ambiente escolar, alunos com autismo podem apresentar dificuldades para se comunicar tanto verbalmente quanto não verbalmente, entender a linguagem e interpretar a entonação de voz e as expressões faciais dos outros. A comunicação é uma habilidade essencial para a interação humana e a sua deficiência pode levar a mal-enten-

dados e isolamento social (Lima, 2022 apud Monteiro 2024).

De acordo com Brito, (2015) “o autismo é uma síndrome complexa que afeta três importantes áreas do desenvolvimento humano que é a comunicação, a socialização e o comportamento. Crianças com autismo podem ter dificuldades para compreender as normas sociais e para responder adequadamente a interações sociais. Isso pode resultar em desafios significativos na formação de amizades e na integração social. Por isso, tendem a se isolar socialmente e insistem em repetir comportamentos.

Comportamentos repetitivos e interesses restritos são comuns em crianças com autismo. Eles podem exibir comportamentos como balançar-se, bater as mãos ou fixar-se intensamente em um único interesse. Esses comportamentos podem ser uma forma de lidar com o estresse ou de buscar conforto, mas também podem dificultar a adaptação a mudanças e a novas situações:

Quanto à interação social, observa-se ausência ou dificuldade de iniciá-la ou mantê-la. As trocas recíprocas sobre determinada temática não tem uma fluência sequencial típica. Essa característica pode conduzir erroneamente o avaliador a uma suspeita de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. A diferença é que este comportamento ocorre no autismo porque a criança encontra-se centrada exclusivamente nos seus interesses pessoais, uma vez que não há gatilho interno para estabelecer interesse e continuidade em temáticas interativas externas. Quanto às características da comunicação no autismo, destaca-se o uso limitado de comunicação não verbal, como contato visual, expressões faciais, gestos, linguagem corporal. É comum a criança não responder ao chamado pelo nome ou ao gesto de tchau (Schmidt, p. 32-33).

Ainda segundo o autor esse entendimento se apresenta como importante porque

Ao compreendermos essa característica, é importante, por exemplo, verificar se os conteúdos solicitados em sala de aula foram apreendidos de fato pelo aluno, considerando a possibilidade de este ter entendido que o assunto não era dirigido para si. As falas de professores orientadas ao grupo como um todo não são muitas vezes entendidas como pertinentes a si, uma vez que generalizações não o envolvem. Dentre os comportamentos não verbais de comunicação, destaca-se a inabilidade para compartilhar a atenção com outrem, como não acompanhar com o olhar o apontar para um objeto (“Olhe, um pássaro!”). Comportamentos de companheirismo frequentemente apresentam-se empobrecidos. A criança pode ter uma reação agressiva quando tirada da brincadeira individual para atividade coletiva. Atividades de esporte em grupo, por exemplo, podem deixá-la tão embevecida com a bola que, além de gerar a emergência de estímulos frouxamente inibidos no seu desenvolvimento (exemplos: textura, olfato, coloração, incidência da luz) também podem dificultar seu engajamento na sequência das regras do jogo, entre elas o compartilhar da bola (Schmidt, p. 32-33).

Crianças com TEA frequentemente apresentam um aparente desinteresse intrínseco pelos outros. Comportamentos como vagar pelo pátio ou pela sala de aula são reveladores dessa inabilidade em compartilhar experiências sociais ou emocionais. Esses comportamentos podem ser vistos como tentativas da criança de se afastar de situações que ela não

compreende ou nas quais não se sente confortável. A falta de engajamento nas interações sociais não é uma escolha deliberada, mas sim um reflexo das dificuldades intrínsecas que a criança enfrenta ao tentar entender e participar das dinâmicas sociais. Quando questionados sobre seu aparente desinteresse social, pode-se observar que crianças e adolescentes com TEA frequentemente não expressam o sentimento de tristeza que é tipicamente relatado por aqueles incapazes de se juntar ao grupo. Em vez disso, eles muitas vezes demonstram surpresa diante da preocupação expressa pelo interlocutor (Souza, 2015).

Nesse contexto, o sofrimento muitas vezes parece estar mais presente nos cuidadores, professores e nos colegas do que no próprio indivíduo com autismo. Estes podem se sentir frustrados, preocupados ou tristes pela dificuldade de interação e conexão com a criança ou adolescente autista. Para a pessoa com TEA, no entanto, a falta de engajamento social pode não ser percebida como uma perda ou uma fonte de sofrimento, mas sim como uma condição natural de seu modo de ser e interagir com o mundo. É importante reconhecer que a ausência de tristeza ou o aparente desinteresse não significam necessariamente indiferença ou insensibilidade. Em vez disso, refletem um modo diferente de vivenciar e interpretar as interações sociais (Schmidt, 2014).

É fundamental compreender que comportamentos interpretados como falta de empatia ou desconexão com o ambiente externo, por parte de indivíduos com TEA, muitas vezes refletem as dificuldades impostas pelo autismo na compreensão das convenções sociais. Esse entendimento permite que professores, colegas de classe e demais profissionais valorizem a singularidade dos indivíduos com TEA, promovendo um ambiente social mais inclusivo e acolhedor.

O PAPEL DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

A inclusão de estudantes com o TEA exige que o professor estabeleça um vínculo inicial com a turma, além de compreender as dinâmicas relacionais que permeiam o ambiente escolar. Essa etapa é fundamental para criar estratégias de ensino eficazes que beneficiem toda a turma.

Isso implica que o professor precisa não apenas estar preparado tecnicamente, mas também ser sensível às necessidades individuais e coletivas, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e colaborativo. Assim, a inclusão torna-se uma oportunidade de crescimento para todos, incentivando a cooperação, a empatia e o respeito às diferenças (Weizenmann et al., 2020).

A inclusão dessas crianças no ambiente escolar, apesar de exigir adaptações e estratégias específicas, é importante para o ensino e aprendizagem de todos os envolvidos no processo. O desenvolvimento das crianças com TEA é favorecido pela inclusão, pois elas têm a oportunidade de aprender e praticar habilidades sociais em um ambiente natural, interagindo com seus colegas de turma. Além disso, os outros alunos também se beneficiam, pois a convivência com a diversidade promove a empatia, compreensão e o desenvolvimento de habilidades sociais. A inclusão escolar de crianças com TEA, embora desafiadora, é uma prática enriquecedora tanto para as crianças com TEA quanto para seus colegas, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo:

Incluir não é só integrar [...] Não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de consciencialização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma

valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes (Cavaco, 2014, p. 31).

Cavaco (2014) ressalta a distinção entre integrar e incluir no contexto educacional. Enquanto integrar pode significar simplesmente a presença física de alunos com diferentes necessidades dentro da mesma sala de aula, a inclusão vai além. Ela implica o compromisso de aceitar integralmente as diferenças individuais, valorizando cada aluno como um ser único e digno de igualdade de direitos e oportunidades.

A inclusão vai além do desenvolvimento de comportamentos isolados de aceitação, ela demanda uma consciência contínua e um compromisso ativo com práticas educacionais que promovam a igualdade de oportunidades para todos. Isso envolve não apenas adaptar o currículo e as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos, mas também criar um ambiente seguro e acolhedor que encoraje o crescimento acadêmico, emocional e social de cada estudante. Cunha ainda acrescenta que

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno (Cunha, 2014, p. 101).

No ambiente escolar o professor exerce um papel importante, principalmente quando se trata da inclusão dos alunos diagnosticados com TEA. O professor precisa estar atento às necessidades específicas desses alunos para melhor atender e auxiliá-los no processo de socialização e aprendizagem. Para isso preciso constantemente buscar novos conhecimentos, e práticas pedagógicas. Cabe ao professor

VI. participar do processo de avaliação psicoeducacional, dos estudantes com dificuldades acentuadas de aprendizagem, para encaminhamento aos serviços e apoios especializados da Educação Especial, se necessário; [...] XII. planejar e acompanhar, junto ao Professor de Apoio, os ajustes ou modificações, de aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem (Regimento Escolar, Prudentópolis, 2022).

O regimento escolar ressalta a importância da colaboração entre professores regulares, serviços e apoios especializados da Educação Especial no atendimento aos alunos com dificuldades significativas de aprendizagem. A participação no processo de avaliação psicoeducacional, bem como o planejamento conjunto com o Professor de Apoio, evidenciam o compromisso com a personalização do ensino, adaptando-o às necessidades individuais dos alunos. Ao mencionar a necessidade de ajustes e modificações no processo de ensino-aprendizagem, reforça-se a ideia de que a educação inclusiva exige uma abordagem contínua e dinâmica, com intervenções específicas para garantir o desenvolvimento pleno dos estudantes.

O professor no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para identificar precocemente as peculiaridades de cada aluno. Ele em sala de aula acompanha, observa, avalia o desempenho do aluno durante todo transcorrer do ano letivo. O papel do professor não é o de diagnosticar, e sim o de orientar os responsáveis para que busquem os profissionais a fim de conseguir uma avaliação profissional adequada. O diagnóstico

fornecido por esses profissionais é de grande importância para que o aluno possa receber os recursos adequados que venham contribuir com o seu desenvolvimento pessoal e acadêmico (Weizenmann et al., 2020).

É importante que toda a equipe escolar acompanhe o processo de desenvolvimento do aluno autista na escola. Contribuir para a formação do aluno com TEA não é apenas função do professor, mas de toda a equipe escolar que buscam promover um ensino de qualidade inclusivo. A colaboração dos pais nesse processo é essencial, pois sem ela e de um trabalho multidisciplinar corre-se o risco de deixar lacunas no processo de desenvolvimento pessoal, social e acadêmico do aluno. Todos precisam estar empenhados e atentos às necessidades do estudante diagnosticado com TEA. Além disso, quanto mais cedo identificar e utilizar os recursos adequados é melhor para o processo de aprendizagem.

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação. O que torna o papel docente fundamental, pois é na idade escolar, quando se intensifica a interação social das crianças, que é possível perceber com maior clareza singularidades comportamentais. Será sempre pertinente o professor ou a professora observar atentamente seu aluno, quando este apresentar algumas das seguintes características comportamentais: retrair-se e isolar-se das outras pessoas; não manter o contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotípias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa. (Cunha, 2014, p. 24-25).

Cunha (2014) ressalta a importância do diagnóstico precoce na educação, destacando que o professor desempenha um papel fundamental nesse processo. Ele enfatiza que a idade escolar é um período em que é importante identificar com maior clareza as singularidades comportamentais nas crianças, isso porque é nessa fase que a interação social é intensificada. Nessa fase também, o professor consegue observar as características comportamentais e identificar condições como o TEA. Os sinais são diversos: retraimento e isolamento social, a falta de contato visual, resistência ao contato físico, dificuldades de adaptação a diferentes metodologias de ensino e a ocorrência de comportamentos como birras e agitação desordenada ou calma excessiva. Características tais como a sensibilidade a estímulos sonoros, a prática de estereotípias e a tendência a interpretar de forma literal também são comuns nas crianças com TEA.

[...] a educação infantil, proposta nos espaços da creche e pré-escola, possibilita que a criança com deficiência experimente aquilo que outros bebês e crianças da mesma idade estão vivenciando: brincadeiras corporais, sensoriais, músicas, histórias, cores, formas, tempo e espaço e afeto. Buscando construir bases e alicerces para o aprendizado, a criança pequena com deficiência também necessita experimentar, movimentar-se e deslocar-se (mesmo do seu jeito diferente); necessita tocar, perceber e comparar; entrar, sair, compor e desfazer; necessita significar o que percebe com os sentidos, como qualquer outra criança de sua idade (Bersch;

Machado, 2007, p.19).

Segundo Bersch e Machado (2007), educação infantil em espaços como creches e pré-escolas é de grande importância para a promoção do desenvolvimento integral de crianças com deficiência. A escola precisa proporcionar para os alunos com necessidades especiais experiências semelhantes às oferecidas aos demais alunos da turma, incluindo brincadeiras corporais e sensoriais, músicas, histórias, cores, formas, e interações com o tempo, espaço e afeto.

A inclusão dessas atividades no dia a dia das crianças diagnosticadas com TEA é muito importante para o desenvolvimento, pois permite que elas se movimentem, se desloquem mesmo que de maneira diferente. É fundamental que as crianças tenham oportunidades de tocar, perceber, comparar, entrar, sair, compor e desfazer, possibilitando que atribuam significado ao que percebem através dos sentidos, assim como qualquer outra criança de sua idade. Para Bersch e Machado (2007) a participação em tais atividades é importante para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

A inclusão de estudantes diagnosticados com TEA no ambiente escolar constitui um processo que demanda o comprometimento e a colaboração de toda a equipe escolar. É fundamental que toda a equipe escolar acompanhem o desenvolvimento dos alunos autistas, possibilitando a adaptação, progresso acadêmico e social. O apoio ao desenvolvimento educacional do estudante com TEA transcende a atuação do professor, configurando-se como responsabilidade de toda a comunidade escolar, que busca promover um ensino de qualidade e inclusivo.

A colaboração dos pais nesse processo é essencial, pois sem a colaboração dos pais e de um trabalho multidisciplinar corre-se o risco de deixar lacunas no processo de desenvolvimento pessoal, social e acadêmico do aluno. Todos precisam estar empenhados e atentos às necessidades desse aluno. Quando mais cedo identificar e utilizar os recursos adequados, melhor será para o processo de aprendizagem.

A inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar, portanto, exige um esforço conjunto da equipe escolar e dos pais. A colaboração e o empenho de todos são fundamentais para garantir que as necessidades específicas desses alunos sejam atendidas de forma adequada. A identificação precoce dos sinais de TEA e a utilização de recursos apropriados são importantes para o sucesso do processo de aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças. Dessa forma, a escola se torna um espaço inclusivo e acolhedor, onde todos têm oportunidade de crescer e se desenvolver plenamente.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

A família desempenha um papel importante no desenvolvimento de crianças com TEA, fornecendo as primeiras bases educacionais e sociais indispensáveis para o crescimento e bem-estar da criança. Este suporte inicial é vital, pois é no ambiente familiar que a criança recebe os primeiros ensinamentos que moldarão sua personalidade, comportamento e valores. Através de um apoio consistente, uma estrutura adequada e um envolvimento ativo, a família facilita o desenvolvimento integral da criança, ajudando-a a superar desafios e alcançar seu máximo potencial.

No contexto da inclusão escolar, a sinergia entre a família, professores e demais

profissionais da educação é essencial para promover um ambiente inclusivo. A colaboração ativa entre família e escola é fundamental para o desenvolvimento das competências do aluno com TEA. A inclusão escolar de alunos com TEA é um processo que depende de um esforço colaborativo e contínuo. A família, como primeira formadora da criança, desempenha um papel insubstituível ao observar, apoiar e colaborar com os profissionais da educação. Essa parceria é essencial para assegurar um ambiente inclusivo, propício ao desenvolvimento pleno do aluno, tanto no aspecto acadêmico quanto no social e emocional.

A família do aluno especial é a principal responsável pelas ações do seu filho com necessidades especiais, visto que é ela quem lhe oferece a primeira formação. Na integração/inclusão escolar, o aluno com apoio dos profissionais e da família, poderá adquirir competências ainda maiores, se tiver um envolvimento como a “parceria”. (Tanaka, 2010, p. 115).

Tanaka (2010) ressalta a importância da família para o desenvolvimento da criança com necessidades especiais. Este papel se deve ao fato de que é a família que fornece as primeiras bases educacionais e sociais para a criança. Sendo a primeira instituição com a qual a criança tem contato, recebendo os primeiros ensinamentos que moldarão sua personalidade, comportamento e valores. Desde o nascimento, é no ambiente familiar que a criança começa a aprender e a experimentar o mundo. As interações diárias com pais, irmãos e outros membros da família proporcionam lições valiosas sobre comunicação, comportamento social, e resolução de problemas. Pais atentos são frequentemente os primeiros a notar sinais de TEA e a procurar ajuda profissional, iniciando um caminho de terapias e apoios que podem melhorar significativamente a qualidade de vida da criança.

Essas intervenções são mais eficazes quando implementadas em fase precoce, e a família é essencial para garantir que a criança receba o suporte necessário o mais rápido possível. A colaboração entre pais e educadores permite a criação de estratégias personalizadas que atendem às necessidades específicas da criança. Pais que estão ativamente envolvidos na educação de seus filhos podem compartilhar informações valiosas sobre o que funciona melhor para eles, ajudando a adaptar o currículo e as abordagens pedagógicas de maneira mais eficaz:

A importância que a família tem na participação escolar está relacionada à contribuição da formação do desenvolvimento educacional. A família precisa mostrar interesse, valorizar o que o aluno produz. É possível notar que no dia a dia do trabalho do professor, quando há um apoio, uma atenção direcionada à necessidade de cada criança, a aprendizagem acontece de forma mais assertiva. Uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo o aluno (Lopes e Telaska, 2022, p. 430).

Lopes e Telaska (2022) destaca-se que o envolvimento ativo da família não apenas apoia, mas é fundamental para o desenvolvimento educacional dos alunos. Ao demonstrar interesse e valorizar as produções dos estudantes, os pais não só motivam seus filhos, mas também fortalecem a colaboração com os professores. Essa interação direta contribui significativamente para um ambiente educativo mais eficaz, onde as necessidades individuais das crianças são atendidas de maneira assertiva. Além disso, a reciprocidade entre escola e família é enfatizada como essencial para promover não apenas um bom desempenho acadêmico, mas também um desenvolvimento social saudável:

Não dizemos mais que a escola é a mola das transformações sociais. Não é sozinha. As tarefas de construção de uma democracia econômica e política pertencem a várias esferas de atuação da sociedade, e a escola é apenas uma delas. Mas a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna ou pós-industrial, como dizem outros. Por sua vez, o fortalecimento das lutas sociais, a conquista da cidadania, depende de ampliar, cada vez mais, o número de pessoas que possam participar das decisões primordiais que dizem respeito aos seus interesses. A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem, também, o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categorias de compreensão e apropriação crítica da realidade (Libâneo, 2000, p. 9).

Libâneo (2000) , destaca que laços mútuos de confiança e um diálogo aberto são essenciais. Ele diz que, embora a escola não seja a única força motriz das transformações sociais, ela desempenha um papel insubstituível na preparação das novas gerações para enfrentar as exigências da sociedade moderna. A escola deve não apenas reduzir a distância entre o conhecimento científico e a cultura cotidiana, mas também capacitar os alunos a se tornarem pensadores críticos e participantes ativos nas decisões que afetam suas vidas. Por isso

Os pais podem ser nossos grandes aliados na reconstrução da nova escola brasileira. Eles são uma força estimuladora e reivindicadora dessa tão almejada recriação da escola, exigindo o melhor para seus filhos, com ou sem deficiências, e não se contentando com projetos e programas que continuem batendo nas mesmas teclas e maquiando o que sempre existiu (Mantoan, 2003, p.30)

Mantoan (2003) fala sobre o papel dos pais como agentes de mudança na escola, instigando melhorias que atendam às necessidades de seus filhos. A presença participativa da família não só fortalece o desenvolvimento dos alunos, mas também contribui para a criação de um ambiente educacional inclusivo e receptivo às diversidades.

No contexto da inclusão escolar, a sinergia entre a família, professores e demais profissionais da educação é essencial para promover um ambiente inclusivo. O desenvolvimento das competências do aluno com necessidades especiais. A família, como primeira formadora da criança, desempenha um papel insubstituível ao observar, apoiar e colaborar com os profissionais da educação.

O que permita às crianças com TEA alcançar seu potencial máximo. Quando a família demonstra aceitação e oferece apoio incondicional à criança com TEA, isso fortalece sua autoestima, contribuindo para seu desenvolvimento integral. A colaboração entre família, escola, comunidade e demais profissionais não apenas fortalece o aprendizado acadêmico, mas também promove o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo refletir sobre o papel do professor na inclusão de

alunos com TEA na Educação Infantil, utilizando uma abordagem qualitativa baseada em pesquisa bibliográfica. Ao longo do artigo, abordamos inicialmente o que é o autismo e suas implicações, seguido de uma discussão sobre a importância do papel do professor no processo de inclusão desses alunos.

As implicações do autismo no contexto escolar são complexas e multifacetadas, abrangendo dificuldades na comunicação verbal e não verbal, interação social e a presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Estes desafios exigem adaptações específicas e uma abordagem pedagógica voltada às necessidades individuais de cada aluno.

O papel do professor é importante para criar um ambiente inclusivo que promova a equidade e o respeito às diferenças. Ele precisa desenvolver estratégias de ensino que beneficiem toda a turma, adaptando o currículo, criando um ambiente acolhedor e utilizando estratégias de comunicação eficazes. Além disso, é fundamental a colaboração com especialistas, pais e outros membros da equipe escolar, bem como a busca contínua por formação e atualização profissional.

Ao colaborar estreitamente com os profissionais da educação, a família contribui significativamente para o sucesso escolar e social de seus filhos com TEA. A troca de informações, observações e estratégias entre pais e professores permite adaptar o ambiente escolar e as metodologias de ensino às necessidades específicas da criança, garantindo uma educação mais inclusiva e personalizada. Essa parceria não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também fortalece o desenvolvimento emocional e social da criança.

A inclusão escolar de crianças com TEA é um processo enriquecedor que beneficia não apenas os alunos com autismo, mas também seus colegas de classe. A convivência com a diversidade promove a empatia, a compreensão e o desenvolvimento de habilidades sociais em todos os alunos. A criação de um ambiente inclusivo e equitativo é essencial para o desenvolvimento pessoal e acadêmico desses alunos, bem como para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BERSCH, R.; MACHADO, P. **Educação Infantil Inclusiva: práticas pedagógicas para crianças com deficiência**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BRITO, E. R. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop - Mato Grosso**. Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82-91, jun./jul. 2015.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais Especiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

COELHO, C.; MADEIRA, M. **Inclusão Escolar**. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane (orgs). Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar. Brasília, 2010.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2014.

CUNHA, M. J. **Educação Inclusiva: Práticas Pedagógicas e Diagnóstico Precoce**. São Paulo: Editora Educação, 2016.

ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA APARECIDA. **Regimento Escolar**: Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais) e EJA – Educação de Jovens e Adultos. Prudentópolis, 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências Educacionais e Profissão Docente**. José Carlos Libâneo, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época: v. 67).

LOPES, D. A.; TELASKA, T. Dos. S. Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: Revisão sistemática da literatura. **Rev. psicopedag.** [online]. 2022, vol.39, n.120, pp.425-434. ISSN 0103-8486. Disponível em: <doi.org/10.51207/2179-4057.20220040>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MARTINS, C. P. **Face a face com o autismo**: será a inclusão um mito ou uma realidade? 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

MONTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MONTEIRO, J. L. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista OWL (OWL Journal)**. Campina Grande, v. 2, n. 2, p. 473, abr. 2024. ISSN: 2965-2634.

OLIVEIRA, F. D. De. S.; Sobral, M. Do. S. C. **Família e Escola no Enfrentamento do Déficit Cognitivo**. Id on Line Rev.Mult. Psic., fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 162- 169. ISSN: 1981-1179. Disponível em: https://. Acesso em: 16 junho. 2024.

RODRIGUES, R. L. P.; PINTO, F. C. Promovendo a inclusão escolar: o desafio da educação para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista de Educação Inclusiva**, v. 19, n. 3, p. 45-58, 2020. Disponível em: <revistaft.com.br/promovendo-a-inclusao-escolar-o-desafio-da-educacao-para-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-tea/#:~:text=Nesse%20contexto%20De%20Moraes%20(2020,e%20adaptar%20suas%20práticas%20educativas>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SANTO, A. M. E.; COELHO, M. M. **Necessidades Educativas Especiais de Caráter Permanente/ Prolongado**: no contexto da escola inclusiva. Castro Verde: Cenfocal, 2006.

SOUSA, M. J. S. **Professor e o autismo**: desafios de uma inclusão com qualidade. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

SCHMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. 1. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2014.

TANAKA, E. **Inclusão Escolar**: Reflexões sobre a Prática. São Paulo: Cortez, 2010.

WEIZENMANN, L. S. et al. **Inclusão Escolar e Autismo**: Sentimentos e Práticas Docentes. Psicologia Escolar e Educacional. 2020, v. 24. Disponível em: <scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4z-M9m9XRyNr53nwF/?format=pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.